

Identificando a Dissonância Cognitiva em duas Cosmovisões não cristãs

Marcos Roberto da Silva⁹

Resumo: Este artigo pretende mostrar que as cosmovisões não-cristãs possuem dissonâncias cognitivas evidentes e são menos plausíveis, como sistemas de crença, do que o teísmo cristão. Para tal usaremos o exemplo de duas cosmovisões não cristãs, a saber, o Naturalismo e o Existencialismo ateísta. As definições deixam claro o que entendemos por cosmovisão, ou seja, um sistema de crença que afeta a vida inteira do indivíduo, quer ele saiba disso, ou não. Apresenta também o significado de dissonância cognitiva, como sendo aquela contradição fragrante entre ideias e práticas. O trabalho prossegue para mostrar que, ao final, cosmovisões não cristãs precisam do cristianismo para extrair dele algum ponto de apoio e verdade.

Palavras-Chave: Cosmovisão. Dissonância Cognitiva. Naturalismo. Existencialismo.

Abstract: This article intends to show that non-Christian worldviews have clear cognitive dissonances and are less plausible, as belief systems, than Christian theism. For this, we will use the example of two non-Christian worldviews, Naturalism and atheistic Existentialism. The definitions make clear what we mean by a worldview, that is, a belief system that affects the individual's entire life, whether he knows it or not. It also presents the meaning of cognitive dissonance, as that fragrant contradiction between ideas and practices. The work goes on to show that, in the end, non-Christian worldviews need Christianity to extract some support and truth from it.

Key Words: Wordviews. Cognitive dissonance. Naturalism. Existentialism

⁹ Bacharel em Teologia pela Fatin e pelo Seminário Presbiteriano Conservador. Especialista em Teologia filosófica pela Faculdade Kennedy. Professor de Grego e Hebraico com pós-graduação em AT pelo Seminário Presbiteriano do Norte. Licenciado em Letras pela UNIDERP e Pastor da Igreja Presbiteriana Conservadora em Caruaru-PE.

Introdução

Este artigo pretende mostrar que é possível identificar dissonância cognitiva em cosmovisões não cristãs, evidenciando a maior plausibilidade da cosmovisão cristã em relação às demais cosmovisões existentes.

Para os propósitos deste artigo, analisaremos apenas duas cosmovisões não cristãs, a saber, o Naturalismo e o Existencialismo ateísta.

Antes de analisar as cosmovisões propostas, vamos definir bem os termos, e fazer um breve resumo da cosmovisão cristã.

Quando identificamos incoerências lógicas em pensamentos e sistemas opostos ao cristianismo, não estamos provando, por assim dizer, a veracidade do cristianismo. Podemos fazer os mesmos exercícios e aplicar as questões lógicas, auto referenciais e de ética para o sistema cristão.

Percebemos que, ao responder as perguntas de cosmovisão, o cristianismo tem mostrado maior coerência e plausibilidade na comparação com outros sistemas de pensamento.

Considerando que a cosmovisão norteia nossas ações e relacionamentos, considerando que agimos com ela e por meio dela, é importante que o indivíduo tenha clareza a respeito da cosmovisão que adota. Mesmo sem saber, todo ser humano age com base em uma cosmovisão, assim, melhor seria ter a consciência do fato e buscar a coerência entre teoria e prática.

Evidente que não podemos esperar que todas as pessoas no mundo parem para refletir sobre o assunto. É salutar, contudo, que, ao menos os cristãos, o façam.

Sem pretender originalidade, este artigo quer ajudar os cristãos a pensarem em como identificar dissonâncias cognitivas em cosmovisões concorrentes e, ao mesmo tempo, ajudá-los a pesarem sua cosmovisão com clareza, fazendo as perguntas certas em busca da verdade absoluta.

1. Definições

É importante definir alguns termos que serão utilizados doravante. Precisamos entender o que é *cosmovisão* e diferenciar a *cosmovisão cristã* das *não-cristãs*, com o objetivo de perceber a maior plausibilidade da cosmovisão cristã em relação às outras.

Aqui também pretendemos delimitar os principais elementos de uma cosmovisão cristã o que permitirá melhor clareza na comparação com outras formas de pensar e viver no mundo.

Precisamos também entender o que é a *dissonância cognitiva* aplicada ao assunto em questão. Vamos, pois, aos termos:

1.1 Cosmovisão

A palavra que traduzimos do inglês *worldview*, vem, da língua alemã e é *Weltanschauung*. Foi usada pela primeira vez, do modo como aparece aqui, por Immanuel Kant. Palavra composta de *Welt* = mundo e *Anschauung* = percepção e significa “uma percepção de mundo.”¹⁰

Tal expressão não diz respeito, apenas, ao modo como vemos o mundo, mas também ao modo como vivemos no mundo. Daí podemos afirmar que todo indivíduo tem uma cosmovisão, mesmo que não saibam disto. Apologistas e pensadores cristãos fornecem úteis definições sobre o que é cosmovisão. Utilizaremos algumas delas.

No seu livro, *Cosmovisões em Conflito*, Ronald Nash oferece a seguinte definição para o termo: “Cosmovisão, portanto, é um esquema conceitual pelo qual, consciente ou inconscientemente, aplicamos ou adequamos todas as coisas em que cremos, e interpretamos e julgamos a realidade”. (NASH:2012, p.25).

Em tal definição Nash inclui a expressão “*coisas em que cremos*”, dizendo que é a através delas que julgamos a realidade a nossa volta. Note que para tal autor, a cosmovisão necessariamente inclui fé, desejos e intenções do coração. Para Nash, as crenças e o que ele chama de “esquema conceitual”, podem ser melhorados. Se alguma inconsistência é detectada, a cosmovisão abre lacunas que precisam ser fechadas. Sobre isso, o autor escreve: “Uma das coisas mais importantes que podemos fazer pelos outros é ajudá-los a obter um melhor entendimento de sua cosmovisão. Também podemos ajudá-los a melhorar essa cosmovisão, o que significa eliminar inconsistências e fornecer novas

¹⁰ De acordo com Rodolfo Amorim Carlos de Souza: O termo foi cunhado e utilizado no fértil período cultural da Alemanha dos séculos XVIII e XIX. Kant teria cunhado o termo quando da publicação da sua Crítica do Julgamento, em 1790. “Nessa obra Kant utilizara o termo *Weltanschauung* (...) como a capacidade humana de intuir o mundo exterior à medida que este é apreendido pelos sentidos. Esse termo composto apresentava semelhantes na língua alemã de então, como *Weltbeschauung* (inspeção de mundo), *Weltbetrachtung* (contemplação do mundo) e *Weltansicht* (opinião do mundo). Conclui-se daí que a dimensão de concepção ou visão total de mundo não era a proposta inicial de Kant quando da criação do termo *Weltanschauung*”. Rodolfo Amorim Carlos de Souza: *Cosmovisão: Evolução do conceito e aplicação cristã*, In: **Cosmovisão cristã e transformação**, Ed. Ultimato, Viçosa, MG, 2ª edição, 2009, pp. 41-42.

informações que ajudarão a preencher lacunas em seus sistemas conceituais”. (NASH:2012, p.26).

Percebe-se, na definição de Nash, que coerência e consistência são requeridos para uma cosmovisão capaz de julgar adequadamente as realidades da vida no mundo.

Philip G. Ryken tem uma definição que nos faz pensar no modo como nossa cosmovisão está incorporada nas nossas ações. Ele afirma que “é tão fundamental para quem somos que nós sequer a notamos”. (RYKEN:2015, p.38).

A definição é a seguinte:

Cosmovisão – ou uma “visão de mundo e vida”, como algumas pessoas dizem – é a estrutura de entendimento que usamos para compreender o mundo. Nossa cosmovisão é o que pressupomos. É a maneira como olhamos a vida, é a nossa interpretação do universo, a orientação para a nossa alma. É o quadro abrangente de nossas crenças fundamentais sobre as coisas, ou o conjunto de dobradiças nas quais os nossos pensamento e ações do dia a dia giram. (RYKEN:2015, p.38).

Já a definição proposta por James Sire é um pouco mais elaborada. O próprio Sire, em seu livro *Dando Nome ao Elefante*, justificou a necessidade de expandir seu conceito inicial sobre o assunto da cosmovisão, depois de receber contribuições acadêmicas de outros estudiosos e revisar seus escritos.¹¹

Na quinta edição da sua obra *O Universo ao lado* lemos que:

Cosmovisão é o compromisso, a orientação fundamental do coração, que pode ser expresso em uma história ou um conjunto de pressupostos (suposições que podem ser verdadeiras, verdadeiras em parte ou de todo falsas) que mantemos (de forma consciente ou subconsciente, consistente ou inconsistente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos. (SIRE:2018, p.26).

Ao mencionar cosmovisão como um compromisso fundamental do coração, o autor da definição acima, quer mostrar que não se trata apenas da mente ou da inteligência, o compromisso é uma questão do coração, da alma, portanto é algo espiritual. Esse algo, pode ser expresso por meio de histórias e pressupostos, estes,

¹¹ É possível ter acesso a explicação completa de Sire em seu livro - **Dando nome ao elefante: cosmovisão como um conceito**, Editora Monergismo, Brasília-DF, 2ª edição, 2017, pp. 28-34.

quando questionados, apresentarão maior ou menor coerência com o estilo de vida mantido pelo possuidor da cosmovisão em questão.

Para melhor examinar sua própria cosmovisão e avaliar cosmovisões de outros “universos verbais ou conceituais”, Sire desenvolveu um conjunto de oito perguntas que ele aplica no seu estudo, a saber, 1- O que é a realidade primordial – O real de fato? 2- Qual é a natureza da realidade externa, isto é, do mundo a nossa volta? 3- O que é o ser humano? 4- O que acontece com quem morre? 5- Por que é possível saber alguma coisa? 6- Como sabemos o que é certo ou errado? 7- Qual é o significado da história humana? 8- Que compromissos centrais, pessoais e que guiam a vida são consistentes com essa cosmovisão? (SIRE:2018, pp.28-29).

As respostas a tais perguntas podem ser as mais variadas, demonstrando mesmo que há muitos “universos” ao lado do nosso. O que parece óbvio para nós, pode não ser para outras cosmovisões. O objetivo de Sire, com sua definição tão longamente elaborada de cosmovisão, é propor um exame da nossa própria vida e pressupostos, crenças, valores para saber se não estamos nos trapaceando ou cometendo suicídio intelectual. Eis aí um excelente propósito para investigar a nossa e as muitas cosmovisões que existem mundo afora.

Considerando tais definições como válidas e suficientes para o propósito deste trabalho, admitimos, portanto, que estamos cercados de inúmeras formas de ver o mundo e de se relacionar com as coisas do mundo e, neste processo, algumas visões mostram-se mais coerentes e plausíveis que outras.

1.2 Cosmovisão Cristã

O cristianismo também é um esquema conceitual e, portanto, uma cosmovisão.

Os cristãos são desafiados, por cosmovisões diferentes, a responderem perguntas sobre a origem e o sentido da vida, o que pode estar errado com o homem e o que vem depois da morte.

Sobre o cristianismo ser uma cosmovisão, Nash declara:

Em vez de pensar no cristianismo como uma coleção de partículas e fragmentos teológicos a serem cridos ou debatidos, devemos abordar nossa fé como um sistema conceitual, uma visão total do mundo e da vida. Uma vez que as pessoas compreendam que tanto o cristianismo como os adversários dele no mundo das ideias são cosmovisões, elas ficam numa posição melhor de julgar os méritos relativos de todo sistema cristão. (NASH:2012, p.29-30).

O mencionado “sistema cristão” pode ser resumido nas respostas que a Bíblia fornece para o cristão, em relação aos grandes temas da vida. Portanto, a cosmovisão cristã, depende de revelação. A revelação do Deus cristão, através da Escritura cristã, forma a base para uma cosmovisão distintamente cristã. Como nos ensinam Walsh e Middleton:

Para os cristãos, o critério máximo pelo qual julgamos nossa cosmovisão é a Bíblia. Ela é a revelação de Deus a respeito da realidade. Paulo diz a Timóteo que as Escrituras têm um propósito; elas são para nos ensinar, reprovar e corrigir, e para nos treinar na retidão de maneira que possamos estar equipados para uma vida de boas obras (2Tm 3.16-17). Se buscamos uma cosmovisão que nos leve à vida e não à morte, então devemos procurar as Escrituras para instrução. E como nossa cosmovisão é informada, corrigida e moldada pelas Escrituras sob o direcionamento do Espírito, receberemos orientação para nosso modo de vida. (WALSH, MIDDLETON:2010, p. 36).

Partindo, pois, da Bíblia, a cosmovisão cristã pode ser sintetizada nos seguintes e principais temas: 1- Criação. 2- Queda. 3- Redenção e 4- Consumação.¹²

É em Gênesis, capítulo primeiro, que o cristão fundamenta sua crença na doutrina da **criação**. Ela explica a origem do homem e o fato dele ser a imagem e semelhança do Criador. Apresenta também Deus criando, a partir do nada (*ex nihilo*), usando a palavra do seu poder. A verdade apresentada por Moisés, vem para mostrar aos israelitas, quem de fato é o Todo-Poderoso, diferente dos muitos deuses que eles aprenderam a servir no Egito.

A verdadeira cosmovisão cristã não apresenta a doutrina da criação apenas como um contraponto do ensino evolucionista. O cristão contempla a criação e dá glória ao Criador (Salmo 33.6-9). Além disso, o cristão sabe que deve cuidar da coisa criada, como um administrador responsável pelo lugar em que vive. Sobre esse envolvimento, escreve o Dr. Héber Campos Jr.:

Os herdeiros de Dooyeweerd mostram como as estruturas da sociedade (ciência, comércio, arte, política, educação) estão fundamentadas na criação de Deus e, portanto, participar delas é obedecer às ordenanças do Senhor. Tudo é ‘criacional’ e, portanto, ‘bom’. E por que é bom? Porque Deus quer que sua criação seja

¹² Tais categorias podem ser encontradas com certa facilidade nos livros sobre cosmovisão cristã, com poucas variações de nomes. Albert Wolters (*A criação Restaurada*) e Walsh e Middleton (*A Visão transformadora*) trazem: Criação, Queda e Redenção. Goheen e Bartholomew (*Introdução a Cosmovisão Cristã*) relacionam: Criação, Pecado e Restauração. Héber Campos Jr. (*Amando a Deus no mundo*) elabora: Criação, Queda, Redenção e Consumação.

conhecida (ciência), cultivada (agricultura), apreciada (arte), governada (política), comunicada (educação), e assim sua glória seja manifesta de múltiplas formas. (CAMPOS:2019, p.208).

Tendo apresentado o conceito cristão de criação, passemos a falar da **queda**. A queda diz respeito ao pecado. Gênesis, capítulo três, esclarece que o representante federal da raça humana, o primeiro Adão, pecou, e, por isso, o pecado passou a todos os homens, inclusive com consequências para toda criação. O pecado muda nossa relação com Deus, conosco mesmo e com o nosso próximo. O pecado cega o entendimento e faz o homem adorar a criatura no lugar do Criador. Por causa da idolatria e maldade, os homens experimentam todo tipo de mal.

Com a queda o homem se mostra prostrado, espiritualmente morto e sem condições de buscar a Deus. Ele precisa de ajuda e de esperança que vem de fora de si mesmo.

O próximo conceito, capaz de apresentar uma solução para o problema da queda, é a redenção. Do ponto de vista cristão, a redenção, ou seja, o resgate do homem, do poder das trevas e do pecado só pode acontecer mediante a ação de Deus no mundo.

A ofensa causada pelo pecado precisa ser resolvida, perdoada. Para que isso aconteça, o pecador tem que morrer. Com objetivo de livrar o pecador da morte, um substituto pode ser apresentado. A redenção, consiste então, de um inocente morrendo em lugar de um pecador para pagar pelas consequências do pecado deste.

Deus resolve o problema enviando seu Filho, verdadeiro Deus e verdadeiro homem para morrer no lugar do pecador que ele mesmo desejava salvar. Assim, a obra expiatória de Cristo salva o pecador da morte e da condenação eterna. O segundo Adão, Cristo, restaura todas as coisas para glória de Deus, o Pai. A esse respeito, lemos nos escritos do Dr. Héber Campos Jr.:

A restauração de todas as coisas acontece porque Cristo é o perfeito cumpridor dos três mandatos. Ele cumpre o mandato espiritual fazendo toda vontade do Pai (Jo 4.34; 17.4) e, assim, nos dá acesso a uma vida de relacionamento amoroso com Deus (Hb 10.19-22) Ele cumpre o mandato social entregando a sua vida pelos seus amigos (Jo 15.13) e, assim, restaura os relacionamentos a ponto de fazer laços de fé serem mais duradouros do que laços de sangue (Ef 2.14-17; Lc 21.16-17). E também é ele quem cumpre o mandato cultural (Hb 2.5-8) ao reconciliar com Deus todas as coisas (Cl 1.20) e subjugar todos os inimigos debaixo dos seus pés (1 Co 15.24). (CAMPOS: 2019, pp. 368-369).

Por fim, o último conceito desta síntese da cosmovisão cristã é a **consumação**. Por consumação, os cristãos se referem ao cumprimento definitivo de todas as promessas redentoras.

“Consumação é o fim da era presente e o começo de uma eternidade sem os efeitos da Queda [...] a consumação é o fim do processo”. (CAMPOS:2019, p.620).

Dentro da cosmovisão cristã, a história caminha para o cumprimento de promessas sobre um novo céu e um nova terra, onde habitam a justiça. Neste lugar não haverá mais pecados e nossos relacionamentos serão sempre perfeitos. Os redimidos vivem neste mundo com um antegozo de glória prometida e esperam a consumação final das promessas onde esta ordem de coisas é substituída pela perfeição final.

Esta síntese mostra que o cristianismo tem as respostas para as perguntas fundamentais da existência humana. De onde viemos? O que está errado? Qual é a solução para o problema? Para onde vamos? A cosmovisão é plausível e sustentável, além de não exigir, do fiel, dubiedade. Quando colocada à prova, a cosmovisão cristã presta-se a responder, com clareza, às demais cosmovisões existentes, quais são os seus fundamentos, resistindo ao teste da plausibilidade e da razão.

1.3 Dissonância Cognitiva

A definição deste termo é altamente relevante quando comparamos cosmovisões distintas.

Na psicologia o termo é usado como uma sensação de desconforto que resultam de duas crenças contraditórias.

Somos informados por Tiago Azevedo que:

O psicólogo Leon Festinger propôs uma teoria da dissonância cognitiva centrada em como as pessoas tentam alcançar consistência interna. Ele sugeriu que as pessoas têm uma necessidade interior para garantir que as suas crenças e comportamentos são consistentes. Crenças inconsistentes ou conflitantes levam a desarmonia, que as pessoas se esforçam para evitar.¹³

¹³ Tiago Azevedo: O que é dissonância cognitiva? Teorias e exemplos.

<https://psicoativo.com/2016/06/dissonancia-cognitiva-teoria-exemplos.html>. Consulta em 02/06/2020,

23horas e 04 minutos. Neste artigo, somos informados que Leon Festinger foi quem desenvolveu a teoria da dissonância, através de seu livro de 1957, *A Theory of Cognitive Dissonance*.

Em se falando de cosmovisão, isso também pode acontecer. Se uma ideia, dentro da cosmovisão, não é plausível, e, destoa da realidade, temos a dissonância cognitiva. Isso funciona como contradições internas de uma cosmovisão.

Os cristãos sustentam que o cristianismo é a cosmovisão mais coerente, onde não se faz apelos à dissonância cognitiva. Por representar a visão a respeito do Deus Criador, toda obra criada e o que podemos saber dela, corroboram para uma cosmovisão cristã consistente. Nas palavras de Nancy Pearcey: “...o cristianismo é a chave que se ajusta à fechadura do universo”. (PEARCEY:2006, p.356).

Aplicando o critério de identificar dissonâncias cognitivas para as cosmovisões descobriremos que o cristianismo é a cosmovisão mais plausível, e, portanto, verdadeira, quando comparada as demais cosmovisões existentes.

Falando sobre esse assunto, em seu livro, *A Busca da Verdade*, Nancy Pearcey escreve assim:

Contradições internas são fatais para qualquer cosmovisão, pois declarações contraditórias são necessariamente falsas. “Este círculo é quadrado” é contraditório, por isso tem de ser falso. A Escritura presume que contradições lógicas não podem ser ambas verdadeiras: “mentira alguma jamais procede da verdade” (1Jo 2.1); “o Deus que não pode mentir” (Tt 1.2); Deus “de maneira nenhuma pode negar-se a si mesmo” (2Tm 2.13). Uma forma especialmente prejudicial de contradição é a absurdidade autorreferencial – que acontece quando determinada teoria estabelece uma definição de verdade que ela própria não cumpre. Dessa maneira, refuta a si mesma. (PEARCEY:2018, p.138)

Ainda falando sobre a dissonância cognitiva e admitindo que todas as cosmovisões não-cristãs são falsas, em seu livro: *Verdade Absoluta*, Nancy Pearcey nos ensina:

Levando em conta que todas as outras cosmovisões são falsas, podemos ter a mais absoluta confiança, quando falamos com não-crentes, que eles sabem de coisas que não se coadunam com sua cosmovisão – seja ela qual for. Ou, dizendo ao contrário, eles não conseguem viver coerentemente fundamentados na cosmovisão que professam. Considerando que suas convicções metafísicas não se ajustam ao mundo que Deus criou, a vida dessas pessoas será mais ou menos incoerente com tais convicções. Viver no mundo real requer que elas ajam de modo que não é apoiado pela cosmovisão que advogam. Isto gera um estado e dissonância cognitiva. (PEARCEY:2006, p.56)

Depois de explicar em que consiste a dissonância cognitiva em cosmovisões não cristãs, Pearcey aponta que a tarefa do cristão, quando evangeliza alguém, é identificar tal incoerência na vida prática e apresentar o Evangelho. Ela continua:

É neste ponto de tensão que o evangelho pode ter uma entrada. No evangelismo podemos chamar a atenção das pessoas para o conflito entre o que elas sabem por experiência e o que professam em suas crenças. Esse antagonismo é sinal certo de que algo está errado com suas crenças [...]. No evangelismo, nossa meta é destacar essa dissonância cognitiva – identificar os pontos em que a cosmovisão dos não crentes entra em contradição com a realidade. Depois, mostramos que só o cristianismo é plenamente coerente com as coisas que por experiência todos sabemos que são verdadeiras. (PEARCEY:2006, p.356).

Uma das maneiras de encontrar a dissonância cognitiva em cosmovisões não cristãs é aplicar o teste autorreferencial. A cosmovisão contradiz a si mesma? Aquilo que ela ensina pode ser aplicado, com eficácia, a ela mesma?

Por exemplo, quando alguém admite ser evolucionista, fruto de seleção natural, lutando apenas pela sobrevivência, naturalmente tal pessoa deve crer que o seu cérebro é fruto da evolução cega, sendo assim, não há base para confiar em nossas ideias. A ideia evolucionista é confiável? “A estratégia de aplicar a uma filosofia seu próprio padrão de verdade provou não ser um mero truque retórico. É uma poderosa ferramenta para testar alegações de verdade e pode ser aplicada a muitas outras filosofias para mostrar que elas se autodestroem da mesma maneira”. (PEARCEY:2018, p.139).

Vamos analisar, na sequência, como isso funciona, mais especificamente, em duas cosmovisões não cristãs, a saber o Naturalismo e o Existencialismo ateuista.

2. Cosmovisão Naturalista e sua dissonância

A cosmovisão naturalista acredita que a matéria é tudo que há. A matéria existe eternamente. Negando qualquer realidade não física, o naturalismo nega a existência de Deus, de seres espirituais e a possibilidade de milagres. Também não acredita na vida após a morte e não vê propósito no universo.

Seguindo o raciocínio de James W. Sire, percebemos que o pensamento humano passou do teísmo para o deísmo e, este, culminou no naturalismo. Para Sire podemos resumir o naturalismo nos seguintes pontos:

1- A realidade primordial é a matéria. A matéria existe eternamente e é tudo o que existe. Não há Deus. 2- O cosmo existe como uma uniformidade de causa e efeito em um sistema fechado. 3- Os seres humanos são máquinas complexas; a personalidade é uma inter-relação de propriedades químicas e físicas que ainda não entendemos por completo. 4- A morte é a extinção da personalidade e da individualidade. 5- Por meio da razão humana inata e autônoma, incluindo os métodos da ciência, podemos conhecer o universo. Considera-se que o cosmo, incluindo este mundo, está em seu estado normal. 6- A ética está relacionada apenas aos seres humanos. 7- A história é o fluxo linear de eventos ligados por causa e efeito, mas sem um propósito abrangente. 8 – O naturalismo em si não implica nenhum compromisso central específico por parte de qualquer naturalista. Antes, compromissos centrais são adotados involuntariamente ou escolhidos pelos indivíduos. (SIRE:2018, pp.77-94).

Em termos de história do pensamento, podemos dizer que o naturalismo é uma versão moderna do atomismo grego, da filosofia de Epicuro (341-271a.C). Para tal filósofo, era importante construir um sistema que livrasse as pessoas do temor da morte. Se os átomos, que formam o nosso corpo, forem fracionados, não precisaremos temer a morte, pois “se não há consciência, nós não estamos”.¹⁴

Com o deísmo do século XVIII, os homens começaram a “afastar” Deus das atividades cotidianas, assim, não demorou para o naturalismo florescer e ganhar os seus contornos bem conhecidos de então. Sobre esse assunto, nos ensina o Dr. Héber Campos:

Se Deus, na prática, ficou fora do dia a dia dos seres humanos, não demorou muito para ele ser riscado da equação. Assim o naturalismo nasceu no século 18 e permaneceu como uma cosmovisão que se apresentava como honesta e coerente. Tanto é que essa cosmovisão se tornou predominante em círculos acadêmicos. A figura de Charles Darwin em meados do século 19 é apenas a última peça do quebra-cabeça (a peça biológica) para solidificar argumentos evolutivos que já dominavam o cenário filosófico e científico havia cerca de 50 anos. Ainda no século 19, o advento do marxismo, conforme descrito no livro de Sire, surge como um resumo das consequências práticas dessa cosmovisão. (CAMPOS:2019, p. 442).

Todo naturalista deve também ser classificado como ateísta, materialista e anti-sobrenaturalista. Na explicação de Ronald Nash:

Para um naturalista, o universo é análogo a uma caixa. Tudo o que acontece dentro da caixa (a ordem natural) é causado por, ou explicado em termos de, outras coisas que existem dentro da caixa. Nada (incluindo Deus) existe fora da caixa; portanto, nada fora da caixa que chamamos de universo ou natureza pode ter qualquer

¹⁴ Uma ampla e boa exposição do naturalismo é apresentada no livro de Ronald Nash: **Questões Últimas da Vida, uma introdução a filosofia**. Ed. Cultura Cristã, São Paulo, 2008, pp. 39-61. Ele explica como o atomismo dos antigos gregos influenciou o pensamento dos materialistas modernos que ele chama também de fisicistas.

efeito causal dentro da caixa [...] tudo que acontece dentro da natureza tem sua causa em outra coisa que existe dentro da caixa. (NASH:2012, p. 151).

Do ponto de vista do naturalismo, não pode haver milagre, pois não se admite a existência de um Criador, muito menos, sua interferência na ordem da criação.

O naturalismo vê a natureza como um sistema determinista, sem espaço para teorias sobre a atividade humana atuando como causa na ordem natural.

Em questões de ética e moralidade, o naturalista admite que as pessoas têm senso de valores morais e que isso está no indivíduo, colhido do ambiente em que nasce e cresce. O que promove harmonia social é bom, o que não promove tal harmonia é ruim. Sobrevivência humana é o que importa, e o que o grupo aprova como bom, é bom. Sire, comentando a ética naturalista escreve:

Mesmo os teístas cristãos devem admitir que muitos insights éticos dos naturalistas são válidos. Na verdade, os teístas não devem se surpreender com o fato de podermos aprender verdades morais mediante a observação da natureza e do comportamento humanos, pois se as mulheres e os homens são feitos à imagem divina, e se essa imagem não está totalmente destruída pela queda, eles ainda devem refletir – ainda que vagamente – algo da bondade de Deus. (SIRE:2018, p.90).

O compromisso do coração de um naturalista, evidentemente, não é agradar a nenhuma divindade, então, caso tenham vida abnegada, será apenas para servir ao grupo social a que pertencem e para promover um humanismo secular. Não se exige a definição de propósitos para a vida de um naturalista.

Depois de fazer um levantamento da cosmovisão naturalista, devemos perguntar: quais são as incoerências que podem ser detectadas? O que podemos chamar de dissonância cognitiva em tal pensamento?

Para os propósitos deste trabalho, observemos três dissonâncias envolvidas no naturalismo, a saber: 1- o problema da validade do raciocínio na cosmovisão naturalista; 2- o problema da dignidade e do valor do ser humano e 3- o problema da base para a ética naturalista.

Sobre a validade do raciocínio, no naturalismo, devemos levar em consideração o seguinte: se tudo no naturalismo é material, físico, não é possível pensar uma teoria naturalista. “Assim, as teorias naturalistas são autodestrutivas, como o homem que serra o galho da árvore sobre o qual se apoia”. (NASH:2008, p.61).

Como é que naturalistas acostumados a explicar tudo em termos de processos físicos e químicos podem explicar as próprias teorias em termos de processos físicos e químicos?

Norman Geisler, escrevendo sobre o assunto, conta um episódio, no mínimo, curioso:

É uma teoria não física sobre coisas físicas. Perguntaram certa vez a um professor de física: “Se tudo é matéria, então o que é uma teoria científica sobre a matéria?” Sua resposta foi: “É *mágica!*” Quando lhe perguntaram sua base para crer nisso, ele respondeu: “*Fé*”. É interessante observar a incoerência de a cosmologia puramente materialista recorrer a fé na mágica como base para crenças materialistas. (GEISLER:2001, p.623).

Como é que forças não mentais, dão origem a mente? Os naturalistas não podem confiar em suas mentes em seus raciocínios ou pensamentos se quiserem manter a coerência com a sua cosmologia, pois para os tais, as faculdades cognitivas são produtos de forças não propositais, frutos do acaso. Como Alvin Plantinga, citando Thomas Reid, coloca:

Se a honestidade de um homem fosse posta em questão, seria ridículo confiar na palavra desse homem quando afirma ser honesto. O mesmo absurdo aflige a tentativa de provar por uma espécie qualquer de raciocínio, provável ou demonstrativo, que a nossa razão é falaciosa. Ora, o ponto em questão é em si o de saber se se pode confiar na razão ou não. (REID *apud* PLANTINGA:2018, p.302).

Ou na linguagem de MacDonald:

Se o naturalismo é verdadeiro, logo, a razão humana deve ser o resultado de forças naturais. Essas forças naturais não são, segundo o ponto de vista naturalista, racionais em si mesmas, nem podem ser o resultado de uma causa racional. Assim, pode se argumentar, temos um motivo forte para desconfiar da razão humana, especialmente nas suas atividades menos práticas e mais teóricas. (MACDONALD:2003, p.10).

Com relação a dignidade e ao valor do ser humano, devemos questionar o naturalismo assim: Pode um ser surgido ao acaso ter dignidade? Ainda que os naturalistas citem o homem como o “animal superior” (SIRE:2018, p.102), cada coisa que surgiu dos processos físicos e químicos tem sua particularidade e é único como resultado desses processos. Há, portanto, uma razão adequada para sermos dotados de valor e dignidade? Por que temos mais valor e dignidade do que os animais que surgiram através de semelhantes processos físico-químicos? Qual é a o referencial de valor? Mostrando como essa falta de referencial levou o homem ao niilismo, o Dr. Héber Campos escreve:

[...] a noção de morte como extinção era motivo de perturbação; e nossa relação com o universo passou a ser ou de alienação ou de união que se recusa a distinguir diferenças de valor (ex: uma pedrinha na praia tem existência mais longa do que

humanos; qual que vale mais? Qual será o referencial de valor?). O naturalismo gerou o *niilismo* (do latim, *nihil*, nada), que é a negação do valor humano, valores éticos e propósito na vida. A razão pela qual a maioria dos naturalistas não são niilistas é porque não levam seu naturalismo a sério, não vão as últimas consequências com ele. (CAMPOS:2019, p.443).

Para falar da base ética naturalista, devemos perguntar: alguém pode ser moral sem acreditar em Deus? Os naturalistas vão responder que sim, então, precisamos perguntar se existe uma base para a ética naturalista além das suas próprias preferências ou vontades. Preferências e vontades mudam bastante e não podemos confiar nelas. Como os naturalistas lidam com a culpa? Ou com o nobre sentimento do amor? Se pensamentos e valores são produtos de causas físicas determinantes, qual é o estilo de vida ideal? Existe algo na cosmovisão que explique porque uma pessoa deve viver de um jeito e não de outro? Ou todas as formas de agir devem ser consideradas boas e justas?

Assim, mostramos que o naturalismo tem várias contradições internas. Nas palavras de MacDonald: “se o naturalismo for verdadeiro, temos motivos fortes para desconfiar do naturalismo”. (MACDONALD:2003, p.10).

É possível perceber, portanto que naturalistas não podem viver coerentemente dentro de sua cosmovisão. Quando apelamos para a prática, a vida cotidiana, devemos admitir que o naturalismo precisa tomar por empréstimo muitas categorias da cosmovisão cristã para que seus adeptos vivam melhor.

3. Cosmovisão Existencialista e sua dissonância

O existencialismo sustenta a primazia da existência sobre a essência. Há existencialistas ateus e há existencialistas cristãos. Abordaremos brevemente os pressupostos do existencialismo ateu, bem com a dissonância cognitiva envolvida nesta cosmovisão.

Sobre as origens do movimento, Sire, menciona o fato do existencialismo surgir como resposta ao niilismo. Ele chama também o existencialismo ateu de parasita do naturalismo e o existencialismo cristão de parasita do teísmo. (SIRE:2018, p.132).

Ainda sobre as origens do movimento, Colin Brown registra:

As origens do existencialismo são frequentemente atribuídas ao filósofo dinamarquês do século XIX, Soren Kierkegaard, ao filósofo e poeta alemão, Friedrich Nietzsche e ao romancista russo, Fiodor Dostoiévsky. Podemos duvidar se qualquer destes três poderia ser chamado de existencialista no sentido moderno do termo. Mas, cada um a seu modo, previu ideias que se tornaram mais pronunciadas no existencialismo. Os três questionavam os valores e filosofias

aceitos nos seus dias e se preocupavam com a necessidade de o indivíduo descobrir verdades que fossem válidas para ele nas lutas da sua existência pessoal. (BROWN:1992, p.132).

Definindo o existencialismo Abrão e Coscodai escrevem:

O existencialismo concebe que há pelo menos um ser que existe para si, que não foi criado ou produzido a partir de uma essência preexistente: o homem. No homem a existência vem antes da essência. Isso significa que não há uma predefinição do homem, como existe uma predefinição de um objeto fabricado. Não se pode saber o que o homem é antes de ele existir. Não se pode falar, por isso, em natureza humana: esta seria uma noção que predefiniria o homem antes de ele existir. Não há uma natureza humana. Há uma condição humana, e esta passa a haver desde que o homem surge no mundo. Então, à pergunta “o que é o homem?”, se formulada em caráter geral, somente se pode responder: nada. O homem nada é enquanto não fizer de si alguma coisa. (ABRÃO E COSCODAI:2005, p.447).

Em seu livro *O Universo ao Lado*, Sire explica que o existencialismo abraça a cosmovisão naturalista quase que completamente, com a diferença no modo de tratar a natureza humana e o relacionamento do ser humano com o cosmo. “Na verdade, o interesse principal do existencialismo reside na humanidade e em como podemos ser significativos em um mundo de outro modo insignificante”. (SIRE:2018, p.133).

O existencialismo ateu de Jean-Paul Sartre (1905-1980) buscou um rompimento profundo com a moralidade e ética cristãs. Para ser coerente com seu ateísmo, Sartre vislumbrava o homem completamente livre e sozinho. A obrigação de ser livre gera angústia, a ponto de dificultar o relacionamento com outro ser livre. Caso uma consciência tente objetivar a outra, isso se torna um absurdo, e a relação com o outro fica fracassada. “Como incorporar à minha liberdade uma outra liberdade? A finalidade do desejo, aqui, é um absurdo; não pode realizar-se”. (ABRÃO E COSCODAI:2005, p.449).

Considerando que, para o existencialista, a totalidade das coisas é ridícula e o universo é um absurdo, resta ao homem justificar-se a si mesmo, por um ato de vontade. É preciso que o homem aja, de alguma forma, não importa como. (SCHAEFFER:2002, p.40). Isto traz implicações éticas que serão levantadas posteriormente.

Explicando as decisões de Sartre, Colin Brown escreve:

Enquanto Kierkegaard se preocupava com a existência cristã, Sartre se preocupava com as plenas implicações do ateísmo para a existência pessoal. Diferentemente dos intelectuais seculares franceses dos fins do século XIX, que refutavam a ideia de Deus, mas, ao mesmo tempo, desejavam manter a moralidade cristã, Sartre

insiste que o ateu verdadeiro não pode trapacear desta maneira. Deve ser consistente até as últimas consequências. Dostoiévsky escreveu, certa vez: “Se Deus não existe, tudo seria permitido”. É este precisamente o ponto de partida do existencialismo, segundo o próprio Sartre insiste. O homem é jogado no mundo e deixado ali, à sua própria sorte. Quer goste, quer não, deve viver por conta própria. Deve elaborar seus próprios valores. Não pode evitar fazer escolhas. Até mesmo quando procura adiar uma escolha, o próprio adiamento é um ato de escolha. E tudo quanto escolhe contribui para transformá-lo no tipo de pessoa que virá a ser. A natureza do homem nunca é fixa no tempo. É sempre um produto daquilo que ele faz, do que pensa e escolhe. E, o tempo todo, permanece sobre sua cabeça como uma espada, a perspectiva da morte e as angústias que são parte integrantes da sua existência solitária. O homem tem razão em prosseguir na busca de ideais sublimes, mas a morte zomba de tudo e, no fim, transforma tudo em nada. (BROWN:2007, pp.156-157).

Com as definições acima, podemos entender basicamente a cosmovisão existencialista ateísta. O que fizeram Sartre, Albert Camus, Karl Jaspers e Martin Heidegger consiste em contribuir para o subjetivismo moral onde minha decisão legitima minha ação. (CAMPOS:2019, p.444).

Passemos a considerar as dissonâncias cognitivas desta cosmovisão. Já que o existencialista carrega os pressupostos naturalistas, as dissonâncias identificadas no tópico anterior deste artigo, se aplicam também aqui.

Para ser mais específico, vamos considerar as dissonâncias existencialistas assim: 1- dissociação entre essência e existência; 2- uma tendência ao misticismo e 3 – o problema da moral e ética na tentativa de o homem justificar-se a si mesmo.

À risca, na cosmovisão existencialista, a essência não pode ser conhecida. Contudo, é comum encontrar os existencialistas tentando explicar a essência. O reconhecimento da essência, faz, de alguma forma, com que burlem sua própria cosmovisão. Devemos perguntar ao existencialista como é possível saber que alguma coisa existe sem dizer o que ela é?

A subjetividade do existencialismo tende ao misticismo. Como discernir o real, da ilusão adotando critérios subjetivos?

E, por fim, na tentativa de justificar-se, o homem pode praticar ações amorais e antiéticas? Na teoria existencialista, a resposta a essa pergunta é um sonoro sim. Considere a ilustração proposta por Schaeffer:

Se você vê uma senhora de idade e resolve ajudá-la a travessar a rua com segurança, você “justificou-se a si mesmo”. Mas, ao invés disso, se você preferir dar um murro na sua cabeça e arrancar a sua bolsa, você “justificou-se a si mesmo” da

mesma maneira. Não importa o conteúdo da ação; é só escolher e agir. É isso mesmo: você se justificou. Eis o existencialismo em sua versão francesa. (SCHAEFFER:2002, p.40).

É difícil para os existencialistas conciliarem a teoria, de sua cosmovisão, com a prática do dia a dia. Daí, talvez, pensarem o mundo como um grande absurdo e seguirem acompanhados pelo sentimento de angústia e temor o tempo inteiro. Sem sentido para a existência, muitos deles acabaram dando fim à própria vida. Esta cosmovisão falha no ponto mais elementar de uma cosmovisão, a saber, propor um sentido para a vida.

Considerações finais

É muito bom saber que nos pautamos por uma cosmovisão que tem boas respostas aos dilemas da vida.

Neste artigo procuramos mostrar que sistemas não cristãos, normalmente, sofrem com a incoerência e precisam emprestar do cristianismo, conceitos, sem os quais, eles não podem viver na prática.

Como afirmamos na introdução, ao mostrar as falhas e incoerências em sistemas não cristãos, não estamos provando, apenas com isso, que o cristianismo é verdadeiro, mas estamos estimulando cristãos a provarem com critérios lógicos, éticos e auto referenciais, se o cristianismo funciona ou não.

Percebemos que as cosmovisões analisadas aqui, não passam no teste mais simples, o de oferecer sentido para a vida do fiel. Daí a importância de fazer o que Sire propõe em seu livro, *O Universo ao lado*, a saber, examinar a própria vida, para saber se estamos agindo e vivendo coerentemente com a cosmovisão que adotamos:

As cosmovisões, em outras palavras, não existem em número infinito. Na sociedade pluralista elas parecem existir em profusão, mas as questões e opções básicas são na verdade bastante pequenas. O campo, da forma como eu o reduzi, contém onze opções (ou dez, ou oito - o nosso problema de contagem!). A escolha pessoal está em algum lugar desse campo, mas se o argumento do livro for válido, resultam dele duas conclusões. Primeira, nossa escolha não precisa ser cega. Existem formas de trazer luz para os caminhos, a partir dos quais fazemos escolhas. Segunda, seja qual for a escolha feita, se não formos hipócritas, comprometemo-nos a viver com base nela. Como indica a própria definição de cosmovisão: “vivemos, nos movemos e existimos” de acordo com a cosmovisão que mantemos, não a que meramente confessamos. A honestidade destemida deveria caracterizar nossa análise – onde estamos agora – e nossa busca da verdade. (SIRE:2018, p.299)

A verdade não parece ser uma preocupação para o naturalista e nem para o existencialista. O modo como tais pensamentos tratam a lógica, o subjetivismo e a realidade descredenciam tais cosmovisões no quesito coerência.

Referências

ABRÃO, Baby; COSCODAI, Mirtes. **História da Filosofia**, São Paulo: Sapienza, 2005.

AZEVEDO, Tiago. **O que é dissonância cognitiva?** Teorias e exemplos. <https://psicoativo.com/2016/06/dissonancia-cognitiva-teoria-exemplos.html>. Consulta em 02/06/2020, 23 horas e 04 minutos.

BROW, Colin. **Existencialismo**. In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, Vol. II. São Paulo: Vida Nova, 1992.

----- **Filosofia e fé cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

CAMPOS Jr., Héber Calos de. **Amando a Deus no mundo**: Por uma cosmovisão Reformada. São José do Campos, SP: Fiel, 2019.

CHEUNG, Vicent. **Questões Últimas**. Brasília, DF: Monergismo, 2009.

COLSON, Charles; PEARCEY, Nancy. **E agora, como viveremos?** Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

GEISLER, Norman. **Enciclopédia de Apologética**: respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Vida, 2002.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução a Cosmovisão Cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. São Paulo: Vida Nova, 2016.

HIEBERT, Paul G. **Transformando Cosmovisões**: uma análise antropológica de como as pessoas mudam. São Paulo: Vida Nova, 2016.

LEITE, Cláudio Antônio Cardoso; CARVALHO, Guilherme Vilela Ribeiro; CUNHA, Maurício José Silva. **Cosmovisão cristã e transformação**: espiritualidade, razão e ordem social. Viçosa, MG: Ultimato, 2006.

MACDOMALD, M. C. **Naturalismo** In: ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã**, Vol. III. São Paulo: Vida Nova, 1992.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência Humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

NASH, Ronald H. **Cosmovisões em Conflito**: escolhendo o cristianismo em um mundo de ideias. Brasília, DF: Monergismo, 2012.

----- . **Questões últimas da vida:** uma introdução à filosofia. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

NAUGLE, David K. **Cosmovisão:** a história de um conceito. Brasília, DF: Monergismo, 2017.

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta:** libertando o cristianismo do seu cativeiro cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

----- . **A busca da Verdade.** São Pulo: Cultura Cristã, 2018

PLANTINGA, Alvin. **Ciência, Religião e Naturalismo:** Onde está o conflito? São Paulo: Vida Nova, 2018.

RYKEN, Philip Graham. **O que é Cosmovisão Cristã?** In: PHILLIPS, Richard D. et.al. **Série Fé Reformada** vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

SCHAEFFER, Francis A. **O Deus que intervém.** São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

SIRE, James S. **O Universo ao lado.** 5ª ed. Brasília, DF: Monergismo, 2018.

----- . **Dando nome ao elefante:** cosmovisão como um conceito. Brasília, DF: Monergismo, 2012.

SPROUL, R.C. **Filosofia para iniciantes.** São Paulo: Vida Nova, 2002.

WALSH, Brian; MIDDLETON, J. Richard. **A Visão Transformadora.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

WOLTERS, Albert M. **A Criação Restaurada.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.